

Refletir sobre a autonomia política, liberalismo e democracia.

Liberalismo: Liberalismo democrático (radical) x liberalismo econômico (conservador)

Liberdade ou igualdade?

No século XIX, as exigências democráticas não partiam apenas dos burgueses, mas antes de tudo eram também anseios dos operários, cujo número crescia consideravelmente, já que a Revolução Industrial, iniciada no século anterior, aumentara a concentração urbana. Os operários, organizados em sindicatos e influenciados por ideias socialistas e anarquistas, reivindicavam melhores condições de trabalho e de moradia. Diante das novas exigências de igualdade, segundo as quais a liberdade deveria se estender a um número cada vez maior de pessoas por meio da legislação e de garantias jurídicas, começou a configurar-se o “liberalismo democrático”. As reivindicações de igualdade manifestaram-se das mais variadas maneiras: defesa do sufrágio universal, contra o voto censitário, que excluía os não proprietários das esferas de decisão; pressões para reformas eleitorais; ampliação das formas de representação (partidos, sindicatos); exigência de liberdade de imprensa; implantação da escola elementar universal, leiga, gratuita e obrigatória, cuja luta se mostrou bem-sucedida na Europa e nos Estados Unidos.

Desse modo, os polos de liberdade e igualdade representam um confronto que ficou claro no século XIX, mas que até hoje dilacera o pensamento liberal, dando origem a duas tendências principais: o liberalismo conservador, que defende a liberdade, mas não a democracia: nele não prevalecem aspirações igualitárias; o liberalismo radical, que, além da liberdade, defende a igualdade, a extensão dos benefícios a todos.

John Stuart Mill (1806-1873) desenvolveu o liberalismo na linha de aspiração mais democrática. Atento ao sofrimento das massas oprimidas, defendeu a coparticipação na indústria bem como a representação proporcional na política a fim de permitir a expressão de opiniões minoritárias. Como acirrado defensor da absoluta liberdade de expressão, do pluralismo e da diversidade, valorizava o debate das teorias conflitantes.

No Brasil, os movimentos liberais do século XIX restringiram-se à luta pela liberalização do comércio, na esperança de sacudir o jugo do monopólio português. No entanto, mantinha-se a tradição das elites, a escravidão e o analfabetismo, compatíveis com o tipo de economia agrária então vigente.